



GRUPO DE APOIO PSICOLÓGICO PARA CUIDADORAS DE ADOLESCENTES COM PARALISIA CEREBRAL: PROMOVEDO O AUTOCUIDADO E O CUIDADO MÚTUO

Leonídia Aparecida Pereira da Silva¹
Amarillis Casimiro do Nascimento²
Elaine Custódio Rodrigues Gusmão³

RESUMO

O presente trabalho objetiva relatar experiências vivenciadas durante a realização de um grupo de apoio psicológico para cuidadoras de adolescentes com paralisia cerebral conduzido por duas estagiárias de psicologia. Integraram o grupo de apoio sete cuidadoras vinculadas à um serviço de atenção integral à pessoa com deficiência. Os encontros ocorriam quinzenalmente e eram registrados por meio de diário de campo das estagiárias de psicologia. Foram utilizados recursos terapêuticos, em especial, a biblioterapia, gerando um processo de identificação do leitor/ouvinte capaz de liberar emoções e de produzir uma sensação de alívio. Percebeu-se que as participantes passaram a ter mais cuidado consigo mesmas e com os outros, passando a se ouvir e a tentar ajudar-se mutuamente, favorecendo assim a sua capacidade de enfrentar situações difíceis.

Palavras-chave: Psicologia; familiar cuidador; paralisia cerebral; adolescente; biblioterapia.

INTRODUÇÃO

Um filho diagnosticado com Paralisia Cerebral (PC) modifica a dinâmica e a estrutura de uma família, especialmente no que concerne ao papel desempenhado pela pessoa que passa a exercer também a função de cuidadora, uma vez que, a depender das necessidades da criança, a família necessita adaptar-se às demandas apresentadas (ALMEIDA et al., 2015). A Paralisia Cerebral é uma desordem permanente da postura e do movimento relacionada ao desenvolvimento, cujas limitações envolvem atividades funcionais que comumente implicam alterações cognitivas, perceptivas, sensoriais, de comunicação e de comportamento. Além disso, a pessoa com PC pode apresentar epilepsia. A etiologia é multifatorial, podendo ocorrer desde o desenvolvimento fetal ou até mesmo no infantil (RIBEIRO; PORTO; VANDENBERGHE, 2013).

¹Residente de Psicologia da Residência Multiprofissional em Saúde da Criança (REMUSC/SES-PB) e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), leonidiapereira1@gmail.com;

²Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), amarillis.casimiro@hotmail.com;

³Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é Professora de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), lainecripsi@hotmail.com;



Essa situação gera frustração, sofrimento e pressão para a família, por ver a pessoa com PC numa posição de considerável dependência que exige organização do próprio tempo, de recursos financeiros e da participação familiar seja em consultas médicas, fisioterapêuticas, psicológicas, dentre outras. Ressalta-se que geralmente as mães assumem toda ou a maior parte da responsabilidade pelos cuidados aos filhos, colocando a sua vida social, profissional e pessoal em segundo plano para cuidar quase que exclusivamente deles, podendo gerar uma sobrecarga física e emocional (DANTAS et al., 2010; ALMEIDA et al., 2015).

Assim, o presente trabalho se justifica ao se considerar o fato de que as famílias de adolescentes portadores de PC vivenciam mudanças em sua realidade, as quais podem gerar sobrecarga nos familiares, sobretudo no membro que desempenha o papel de cuidador (a). Necessitando assim de suporte para lidar com as dificuldades. Nesse sentido, promover a formação de um grupo de apoio psicológico visando compreender a percepção e as demandas de quem assume a condição de cuidador(a) é o primeiro passo para acolher, acompanhar, ouvir e promover o cuidado para essas pessoas. Iniciativa esta que apresenta maior relevância devido à escassez de trabalhos publicados sobre essa temática conforme resultados encontrados em buscas realizadas em bases de dados.

A motivação inicial desse trabalho surgiu como demanda durante o estágio em psicologia realizado em um serviço de atenção integral à pessoa com deficiência na cidade de Campina Grande/PB. Durante o estágio, foi formado um grupo de cuidadoras de adolescentes com PC que seria conduzido por uma equipe multidisciplinar (psicologia, fonoaudiologia e fisioterapia). No caso do acompanhamento psicológico, os encontros com o grupo eram quinzenais e eram conduzidos por duas estagiárias de psicologia. O objetivo era formar um grupo de apoio psicológico para acolhê-las, acompanhá-las e promover um espaço onde pudessem falar sobre si, sobre a sua condição de cuidadoras, sobre possíveis desafios e dificuldades por elas enfrentadas com vistas a oferecer a elas apoio psicológico.

Para tanto, eram utilizados recursos com fins terapêuticos, em especial, era empregada a biblioterapia. A palavra biblioterapia origina-se dos termos gregos *biblion* (livro) e *therapeia* (tratamento). Este recurso gera um processo de identificação do leitor/ouvinte capaz de liberar emoções e de produzir uma sensação de alívio da tensão. Facilitando no leitor a identificação de soluções para os seus problemas, promovendo um maior conhecimento sobre si mesmo, suas reações e emoções. Tudo isso em sintonia com as impressões e percepções geradas a partir da leitura. (CALDIN, 2001).



O objetivo do trabalho em questão é relatar as experiências vivenciadas durante a realização de um grupo de apoio psicológico para cuidadoras de adolescentes com paralisia cerebral o qual foi conduzido por duas estagiárias de psicologia e visou promover um ambiente acolhedor onde as mesmas pudessem falar e ser ouvidas de modo a promover o cuidado mútuo.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre a condução de um grupo de apoio psicológico para cuidadoras de adolescentes com PC, vivenciado em um estágio de psicologia realizado em um serviço de atenção integral à pessoa com deficiência durante o período de cinco de junho de 2017 a sete de agosto do referido ano. Integraram o grupo sete cuidadoras de adolescentes com PC que se encontravam semanalmente para atendimentos e intervenções interdisciplinares da fonoaudiologia e da fisioterapia. A intenção era inserir o acompanhamento psicológico a essas mulheres.

A coleta de dados foi realizada por meio de diários de campo das duas estagiárias que conduziam os encontros quinzenais da psicologia os quais tinham duração de cerca de uma hora. No total foram seis encontros direcionadas para a escuta, acolhimento e apoio psicológico. Utilizou-se de recursos terapêuticos e, em especial da biblioterapia por meio da seleção de textos que apresentassem temáticas relacionadas às demandas apresentadas pelas participantes. O intuito era gerar um processo de identificação do leitor/ouvinte visando o compartilhamento e a identificação de problemas, bem como o acolhimento e a intervenção frente às dificuldades expostas facilitando a identificação de possíveis soluções.

O primeiro encontro com as integrantes do grupo foi intitulado de “a observação da realidade”. Nesse momento, as estagiárias informaram sobre o desejo de contribuir com as cuidadoras e os adolescentes através dos conhecimentos da psicologia e explicaram a sistemática do acompanhamento psicológico. Para tanto, foi questionado se elas gostariam que esse trabalho fosse realizado e todas as participantes concordaram expondo que elas sentiam falta do suporte psicológico. Após isso ficou combinado que as estagiárias ficariam nesse dia apenas observando o trabalho da fisioterapeuta e da fonoaudióloga junto ao grupo.

O segundo encontro foi intitulado “a rosa e as suas pétalas” o qual se organizou e se deu da seguinte maneira: Apresentação das estagiárias, das cuidadoras e dos adolescentes. Em seguida, foi utilizada a “dinâmica das pétalas” elaborada para exercer a função de um contrato terapêutico entre as estagiárias de psicologia e as integrantes do grupo de apoio psicológico.



De tal modo, foi confeccionada uma flor utilizando cartolina que representava o grupo ali em formação e foi explicado que essa flor tinha cinco pétalas e que cada pétala tinha um elemento escrito para compor o grupo (participação, respeito, sigilo e escutar o outro). Na flor existia uma pétala que estava em branco, cabendo às participantes preencher a palavra que consideravam ser importante e que estava faltando. Antes disso foi explicado o motivo de terem sido escolhidas aquelas palavras e foi solicitado que elas comentassem sobre cada uma de modo a falar se concordavam ou não que as mesmas eram importantes para o grupo.

Foi explicado também que aquele momento se tratava de um contrato terapêutico. Enquanto estratégia para sensibilizá-las quanto ao respeito à fala de cada uma, foi combinado que só falaria quem estivesse com a flor em mãos. Delimitação esta pensada com o objetivo de fazer com que a atenção de todas se voltasse para ouvir apenas a pessoa que estivesse com a flor de modo a facilitar com que elas se escutassem.

Para o terceiro encontro intitulado “Caixas dos objetos” foram feitos alguns esclarecimentos sobre a sexualidade pontuando que não necessariamente está ligada à atividade sexual, podendo se expressar pela admiração e gosto pelo corpo e por cuidados com sua aparência. Em seguida foi realizada a atividade de identificação de demandas por meio da dinâmica da caixa de objetos. Para tanto, foram colocados alguns objetos que pudessem representar a sexualidade e as mães deveriam escolher qual objeto representaria a sexualidade dela e qual representaria a do (a) filho (a) e depois poderiam explicar o motivo das suas escolhas. O objetivo era gerar uma reflexão sobre a sexualidade da pessoa com deficiência, uma vez que no grupo em questão dois dos adolescentes estavam vivenciando um romance e suas mães já haviam expressado que não estavam sabendo como lidar com tal.

Os objetos que estavam na caixa eram: perfume, pente, espelho, esmalte, batom, pó facial, coração de papel, uma imagem com a palavra “sedutora”, adornos (anel, colar, brinco, pulseira, relógio), produto para barba, barbeador e creme hidratante.

No quarto encontro intitulado “alçar voos” foi utilizado o texto “A águia e a galinha” de autoria de Boff (1997). A partir da leitura do mesmo seria construído um espaço em que elas poderiam resgatar sentimentos e experiências acerca dos papéis que elas desempenham no mundo, bem como acerca do próprio papel que os filhos especiais desempenham na dinâmica familiar e do papel que os outros integrantes da família desempenham frente a esse filho.

Para o quinto encontro denominado “a união faz a força” planejou-se a utilização do texto intitulado “A tesoura e a agulha” de autoria de Assis Almeida. Nele é narrada a história



de uma esposa que estava sofrendo com a ausência de seu marido não só pela falta de momentos dos dois juntos, mas também pela falta de ajuda com os afazeres domésticos, e principalmente, devido ao fato de ele estar se tornando um pai cada vez mais ausente na criação dos filhos (ALMEIDA, 2004). A escolha de tal texto se justificou por apresentar aproximações com as demandas expostas pelas cuidadoras no encontro anterior.

No que diz respeito ao sexto e último encontro intitulado “o que esse grupo tem sido para mim”, cada integrante teve a oportunidade de avaliar o grupo, a sua participação nele e a atuação das estagiárias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro encontro com as integrantes do grupo de apoio psicológico foi percebido um certo distanciamento entre elas, bem como uma falta de atenção à fala umas das outras, elas não se ouviam e iniciavam conversas paralelas. A partir disso se tornou possível dar início ao planejamento e à realização de atividades objetivando dar voz a essas mulheres para que elas mesmas expusessem quais eram as suas demandas. Nesse momento a psicóloga da Instituição, que estava atuando como preceptora das estagiárias, percebeu que algumas participantes estavam preocupadas com um romance que estava se desenvolvendo com dois dos adolescentes do grupo.

Posteriormente, em reunião com a fonoaudióloga e a fisioterapeuta foi apresentada a queixa em relação a conversas paralelas entre as cuidadoras de modo a atrapalhar o trabalho dessas profissionais. Também foi discutido que o tema da sexualidade da pessoa com deficiência poderia surgir no grupo devido ao romance mencionado.

Essas demandas foram discutidas em supervisão de estágio, na qual foi possível planejar intervenções que incentivassem a participação das cuidadoras, mostrando a importância do compromisso com o trabalho desempenhado pela equipe multidisciplinar. Além disso, foi avaliada a necessidade do planejamento de intervenções que envolvessem também os filhos das integrantes do grupo, visto que eles também estariam presentes.

Observou-se no segundo encontro que as participantes se projetaram enquanto grupo na dinâmica da flor. A primeira palavra evocada por elas foi o “sigilo” e destacaram a importância da presença do mesmo no grupo devido ao fato de ele trazer mais confiança para elas desabafarem e contarem as suas intimidades. A segunda palavra mencionada por elas foi o “respeito”, referindo que traria tolerância e acolhimento para o grupo. A terceira foi “escutar



conbracis

IV Congresso
Brasileiro de
CIÊNCIAS da
SAÚDE

Saúde Populacional:
Metas e Desafios
do Século XXI

ISSN 2525-6696

www.conbracis.com.br

o outro”, uma vez que através da escuta elas se conheceriam melhor e teriam mais propriedade para se ajudar, se aconselhar. A quarta e última palavra elencada foi a “participação” e sobre ela as mesmas destacaram que era importante por possibilitar a troca de experiências, os momentos de fala e de aconselhamento e também por possibilitar que elas desabafassem sobre seus problemas. Por último, sobre a “dinâmica da pétala em branco” elas mesmas sugeriram que continuasse em branco para que ao longo dos encontros elas fossem percebendo o que faltava no grupo.

No que tange ao terceiro encontro, destaca-se que cada participante foi nomeada com o nome de uma flor visando resguardar a sua privacidade, mantendo os seus nomes sob sigilo. Assim, em relação à participante “Violeta”, tem-se que ela justificou a escolha do perfume dizendo que era um objeto que representava tanto a sexualidade dela como da filha, uma vez que a partir da fala sobre sexualidade ela percebeu que a mesma diz respeito também ao cuidado consigo mesma e à forma como as pessoas se apresentam umas às outras. Para ela o perfume retratava isso já que é um adereço que tanto ela como a filha gosta muito de usar, relatando também que a própria filha pede pra passar perfume por gostar muito de passear cheirosa.

No que diz respeito à “Girassol”, ela justificou ter escolhido o pó facial devido ao fato de ser vaidosa e de sempre querer ver a adolescente arrumada. Além de notar que a adolescente adora, pois sempre pede para ser maquiada por ela. Vale destacar que a adolescente correspondia de forma gestual indicando que era realmente da forma como estava sendo contado.

No que concerne à cuidadora “Tulipa”, ela declarou ter escolhido o pente por que tanto ela como o filho gostam bastante de andar arrumados e o filho gosta muito quando ela penteia o cabelo dele. Enquanto a mãe falava, o adolescente ria bastante e demonstrava estar feliz com o fato de os olhares estarem voltados para ele e para a sua mãe. Tulipa, por sua vez, ao falar, sempre olhava pra ele e dizia: “não é mesmo filho?” e ele confirmava gesticulando.

Por sua vez, a cuidadora “Margarida” referiu ter escolhido o coração de papel porque segundo ela o filho era muito romântico e carinhoso, pois ele gosta muito de coração e há alguns anos atrás ganhou de uma amiga alguns corações de papel contendo mensagens de carinho os quais ele guarda até hoje. Valendo destacar que ele ficou tímido e sorridente quando a mãe relatou isso, além de ter demonstrado alegria.

Em relação à cuidadora “Carmélia” ela escolheu o perfume por indicar que tanto ela como o filho dela gostavam muito de estar cheirosos e arrumados, o interessante é que o



adolescente e ela se comunicavam bastante durante o encontro. Ao falar, ela sempre o envolvia na conversa, perguntava qual era a opinião dele e repassava para todos o que ele havia dito para ela através dos gestos.

Já no que tange à cuidadora “Orquídea”, ela falou que na caixa nada poderia representar a sexualidade da filha e que somente poderia representar a dela mesma. “Orquídea” escolheu uma foto na qual tinha uma mulher bastante arrumada e que estava acompanhada da palavra “sedutora”. Ela justificou a escolha pelo fato de só após ter completado 40 anos de idade passou a cuidar mais de si, referiu que a sexualidade da mulher muitas vezes é reprimida socialmente e que a maternidade termina por reprimi-la ainda mais, especialmente se o filho apresentar alguma deficiência. Já que é cobrado muito mais que elas enquanto mães se dediquem integralmente aos filhos passando a serem também cuidadoras deles. Ela então fez uma crítica a essa imposição e destacou que estava cada vez mais tomando iniciativas para que o marido dela e o restante da família passassem a cuidar também da adolescente, uma vez que ela já não tinha mais condições físicas e emocionais de desempenhar o papel de cuidadora sozinha.

Após o relato dela, outras cuidadoras se viram contempladas. Uma delas expôs que também havia tomado a iniciativa de fazer com que o marido e os outros filhos dividissem com ela as tarefas que envolviam os cuidados para com o adolescente, uma vez que há pouco tempo ela havia passado por uma cirurgia e foi quando todos perceberam que não sabiam como cuidar dele, apenas a filha dela sabia o que fazer. Em uma conversa entraram em acordo para que todos passassem a se comprometer mais com os cuidados ao garoto.

As outras, expuseram ainda ter dificuldade quanto a isso. A maioria destacou a pouca ou a ausente ajuda dos maridos e quanto aos outros filhos elas relataram que recebiam ajuda deles, mas que a grande maioria dos cuidados eram realizados por elas.

O caso que mais chamou a atenção foi o de uma das mães que tem dois filhos especiais, uma delas é uma das adolescentes que frequentam o grupo e o outro por apresentar maiores debilidades fica acamado. Ela relatou que atualmente era a única que cuidava dos dois filhos especiais e que recebia ajuda da família apenas quando as suas duas filhas mais velhas ainda moravam com ela, mas após a saída delas ela ficou sem ajuda familiar já que o marido nunca a ajudou.

Diante dessa demanda em comum que elas perceberam entre si não há como não fazer uma leitura desses relatos a partir de uma discussão de gênero pensado enquanto desigualdade social, ou seja, partindo da idéia de que existem diferenças entre os gêneros as quais se



derivam das interações sociais diretamente ligadas às relações de poder. Cabendo a leitura da realidade dessas mulheres a partir da ideia de gênero enquanto construção social que define padrões, comportamentos e características visando designar o que distingue o feminino e o masculino (GALINKIN; ISMAEL, 2011).

Sendo possível afirmar que até certo ponto se faz presente na própria história de vida delas o que a filósofa Elisabeth Badinter realça como sendo na cultura ocidental a função conferida à mulher: ser esposa e mãe. O ser mulher então basicamente deve contemplar o cumprimento de uma vocação socialmente encarregada a elas que é ser mãe constantemente, vinte quatro horas por dia (BADINTER, 1985).

Consequentemente, perante a referida problematização presente na fala das cuidadoras durante a segunda intervenção realizada, se desvendou como necessário explorar nas intervenções que se seguissem essa problemática. Valendo destacar que ao explorar os lugares que elas ocupam enquanto mulher se traz à tona a própria subjetividade delas, uma vez que elas se situam no mundo também a partir desse lugar. Para tanto, mostrou-se importante nas intervenções seguintes utilizar-se da biblioterapia.

No quarto encontro foi entregue a cada cuidadora uma cópia do texto “A águia e a galinha” de autoria de Boff (1997) para que pudessem realizar a leitura. A narrativa em questão conta a história de uma águia que era limitada a não alçar seus voos, por estar entre as galinhas. Após essa informação surgem questionamentos entre o naturalista e o camponês sobre o que a águia era capaz de fazer. O naturalista possui grande convicção no instinto de sua natureza, não obstante, o camponês palpita que devido ao contexto em que ela está inserida a sua natureza não lhe pertencia mais. Todavia, em certo momento é exigida à águia que direcione seus olhos à outra dimensão, para obter dessa forma uma visão diferenciada daquilo que estava habituada a ver, e ao se deparar com essa nova paisagem, ela abre as suas asas e voa em absoluto por todo o céu (BOFF, 1997).

O texto então objetivou refletir sobre o lugar que as cuidadoras atribuíam aos adolescentes com PC e a partir disso pensar os lugares que elas e os outros membros da família ocupavam na dinâmica familiar. Assim, quando questionadas sobre o que versava a história, todas mencionaram certa identificação, a qual possibilitou a participação de todas.

Destaca-se que mesmo diante das dificuldades, elas acreditavam que os adolescentes eram capazes de avançar e desenvolver mais autonomia. Sobre isso uma das participantes relatou uma ida da família ao cinema, onde os familiares deram abertura ao adolescente para ele escolher o filme e o surpreendente é que ele não apenas escolheu como pediu para assisti-



lo sozinho em uma sala separada do resto da família. Fato este que assustou e preocupou a todos, principalmente a mãe. Diante da situação eles optaram por deixá-lo vivenciar esse momento de independência orientando apenas aos funcionários que qualquer desconforto que ele sentisse deveria ser chamado algum deles para resolver. Após vivenciarem esse momento a família então se surpreendeu com o quão positivo foi para o adolescente experienciar isso e percebeu-se que uma atitude como essa pode ser positiva para todos e em especial para o adolescente.

Percebeu-se ao longo das falas a escassa participação dos pais. Uma das cuidadoras pontuou que mesmo que acontecesse essa participação, os filhos não se sentiriam tão confortáveis o quanto se sentem com elas por, de certa maneira, não confiarem tanto nos cuidados de outros que não sejam elas.

Diante disso, foi questionado a elas se elas automaticamente, desde o início já sabiam como cuidar de seus filhos especiais? E elas responderam que não sabiam assim no automático e que foi algo que aprenderam e que continuam aprendendo. Foi pontuado que com os pais dos adolescentes e com os demais familiares delas não era diferente, que se eles decidissem aprender a cuidar dos filhos e realizar muitas das tarefas que elas desempenham eles também teriam que desenvolver esse aprendizado.

Ficou perceptível a ausência e a necessidade de um diálogo com estes pais acerca da sobrecarga das cuidadoras. Próximo ao fim do encontro dois pais chegaram para buscar suas esposas e filhos e foi sugerido pelas estagiárias e em concordância com o grupo que eles poderiam entrar. Um deles ressaltou a importância dos encontros e ficou com vontade de participar também, vindo a fazer inúmeros elogios.

Fato este, que se colocou como uma possível abertura para a participação de alguns dos pais no grupo, o que infelizmente não prosperou devido a impasses relativos aos próprios horários de trabalho dos mesmos. Entretanto, destacou-se então nesse encontro a eficácia da inserção da biblioterapia, uma vez que trouxe à tona nas cuidadoras vários conflitos e tensões que elas tinham em comum o que fez com que uma procurasse ajudar a outra, possibilitando assim um ambiente acolhedor e de escuta.

No quinto encontro, após a leitura conjunta do texto “A tesoura e a agulha” de autoria de Assis Almeida, a primeira fala surgiu, uma das cuidadoras ressaltou a importância de ser sábio, justificando que a sabedoria da esposa de pensar em maneiras para unir a família foi fundamental para que o marido passasse a se fazer presente. Outra integrante discordou, pois relatou que nem sempre atos como os descritos no texto poderiam gerar uma mudança



significativa. Para justificar a sua fala ela trouxe a realidade de sua família, destacando que apesar de inúmeras tentativas o marido nunca passou a ajudá-la nos cuidados com seus dois filhos especiais e nos afazeres domésticos.

Notou-se então que as outras cuidadoras preocupadas com a situação difícil da referida mãe, passaram a se empenhar em sugerir um leque de possíveis soluções que para tal problemática. Contaram sobre situações parecidas que elas já haviam passado, indicaram como elas resolveram e recomendaram que ela conversasse com ele para contar o quão exausta estava se sentindo mental, física e emocionalmente, mostrando para ele que precisava da ajuda dele. No entanto, a mãe em questão contou que já havia feito isso e que nada havia mudado, pois ele alegava que não poderia ajudar porque trabalhava dois turnos e que no final de semana precisava descansar e mesmo que ela explicasse que também precisava de descanso ele não mudava de ideia.

As estagiárias então realizaram intervenções em conjunto com a preceptora de psicologia que estava presente em tal encontro. Foi contextualizado que o próprio histórico de ela sempre ter assumido todas as responsabilidades da casa e dos filhos contribuiu para reforçar que a função dela era desempenhar esses papéis e que uma mudança nessa estrutura exigiria paciência e comprometimento dos dois e que provavelmente demandaria tempo.

Diante de tais intervenções foram percebidos elementos que muito provavelmente diziam respeito à ordem dos afetos gerados pelas semelhanças nas histórias narradas pelas integrantes do grupo às quais se referiam à própria condição do ser mulher e/ou ser mãe. E mais especificamente, à identidade composta pelo ser mãe de um filho especial. Constatação essa que dialoga bastante com o trabalho de Ribeiro, Yamada e Tavano (2007) onde ao acompanhar as vivências de mães de crianças com deficiência auditiva em sala de espera verificou-se que o que mobilizou a formação de um grupo de apoio foram as identidades do ser mulher e mãe de um filho especial, bem como a semelhança das histórias e conflitos compartilhados e a ajuda mútua.

No sexto e último encontro em uníssono as participantes decidiram inserir na flor utilizada no segundo encontro, o componente que faltava, a “psicologia”. Relatando que foi a partir da inserção das estagiárias no grupo que elas tiveram um espaço de escuta e de fala, onde puderam expor as suas angústias, os seus anseios, as suas superações e conquistas. Elas também relataram que o grupo de apoio psicológico representou para elas um espaço onde puderam cuidar de si mesmas e refletir sobre o lugar que ocupavam no mundo, bem como



onde tiveram o apoio necessário das outras mães e das estagiárias para continuar seguindo em frente.

Sobre isso as estagiárias expuseram que se viram sendo transformadas com o antes e o depois daquela experiência de estágio, destacando o quanto foi importante ouvi-las, acolhê-las e oferecer ferramentas para o suporte psicológico e o cuidado a elas e aos adolescentes. Em seguida, agradeceram a participação e o empenho delas.

Para o fechamento do encontro foi feita uma síntese da trajetória que o grupo de apoio psicológico havia percorrido, destacando o fato de os adolescentes se fazerem presentes a todo o momento à medida que as cuidadoras traduziam as falas e gestos deles, como também os momentos em que elas passaram ouvir e apoiar umas às outras, mobilizando a transformação delas.

Como última fala foi compartilhado por elas o desejo de que o grupo de apoio psicológico tivesse continuidade. Discurso este que foi transmitido para a preceptora de campo, a supervisora de estágio e para a coordenadora de psicologia do serviço, as quais reagiram demonstrando interesse em dar continuidade ao referido trabalho.

Assim, as ações desempenhadas pelas estagiárias de psicologia no grupo de apoio estimularam, a partir dos temas trabalhados, a possibilidade de refletir sobre a realidade das cuidadoras, contribuindo na reelaboração de situações conflituosas e exercitando nelas a capacidade da empatia e da resiliência. Isso se atribui em grande parte ao fato de que antes da inserção do trabalho da psicologia não existia nelas um sentimento de grupo de apoio o que foi despertado ao longo do trabalho da psicologia e ao longo dos encontros.

Notou-se uma sobrecarga dessas mulheres no desempenho de seu papel de cuidadora, relacionadas à dificuldade em compartilhar com os pais dos adolescentes as responsabilidades enquanto cuidadoras, entre outros problemas, sendo esse bastante presente nos discursos. No tocante a essa problemática, tem-se que a biblioterapia auxiliou na identificação das mães com os textos, o que favoreceu o processo de compreensão de seus dilemas ou particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe realçar a necessidade da consolidação de práticas psicológicas em grupos de apoio voltados para cuidadores de pessoas com deficiência, em especial, dirigidas aos



cuidadores de crianças e adolescentes com PC por abarcar subjetividades, conflitos, e sofrimentos do cuidador que demandam o olhar do profissional de psicologia.

Por fim, têm-se diante do que foi discutido no presente artigo, a importância da utilização não só da biblioterapia, mas de dinâmicas, atividades e intervenções executadas como sendo recursos terapêuticos que se mostraram eficazes na promoção do autocuidado e do cuidado mútuo entre as cuidadoras que integraram o grupo de apoio psicológico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. *Histórias Que Motivam: Parábolas e narrativas de transformação*. Fortaleza: Premius, 2004.

ALMEIDA, T. C. S. DE *et al.* PARALISIA CEREBRAL: IMPACTO NO COTIDIANO FAMILIAR. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, v. 19, n. 3, p. 171-178, 16 mar. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/20488>. Acesso em 06 dezembro 2019.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 370p.

BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, jan. 2001. ISSN 1518-2924. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2001v6n12p32>.

DANTAS, M. S. de A. *et al.* Impacto do diagnóstico de paralisia cerebral para a família. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 229-237, June 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072010000200003>.

GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. Gênero. *In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (org). Psicologia Social: temas e teorias*. Brasília: TechnoPolitik, 2011, p.503- 557.

RIBEIRO, M. F. M.; PORTO, C. C.; VANDENBERGHE, L. Estresse parental em famílias de crianças com paralisia cerebral: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, vol.18, n.6, 2013, p.1705-1715. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000600022>

RIBEIRO, S. F. R.; YAMADA, M. O.; TAVANO, L. D'A. Vivência de mães de crianças com deficiência auditiva em sala de espera. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte) [online]. 2007, vol.13, n.1, pp. 91-106. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000100006&lng=pt&nrm=iso. acesso em 06 dezembro 2019.